



Estudo demonstra que profissional da saúde nem sempre sabe lidar com a dor

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

A dor crônica já é considerada um problema de saúde pública por muitos especialistas. Sua prevalência registra um aumento vertiginoso: de acordo com números da Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor, há no país cerca de 10 milhões de pessoas padecendo de algum tipo de dor orofacial crônica, que inclui as disfunções temporomandibulares, cefaléia e bruxismo, entre outras. A projeção é de que esses índices aumentem ainda mais. Segundo os especialistas, o problema representa um grande desafio para aqueles que atuam na área.

“Os profissionais de saúde não estão preparados para atender adequadamente a demanda. O atendimento deveria contemplar os variados e complexos aspectos que envolvem a dor, como a prática diagnóstica precisa, tratamento interdisciplinar, relação com o paciente e a atenção aos componentes emocionais”, argumenta a psicóloga Maria da Graça Rodrigues Bérzin. Ela acaba de conduzir uma pesquisa de doutorado na Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), com 87 cirurgiões-dentistas e 63 médicos de várias partes do país. O trabalho descreve as características da formação profissional, prática clínica e perfil biopsicossocial desses profissionais envolvidos no tratamento da dor orofacial.

Maria da Graça atribui a falta de preparo, entre outros fatores, à formação acadêmica deficiente na área. Segundo ela, os currículos tanto de Odontologia como da Medicina, não abordam adequadamente a questão. “O tema tem sido pouco enfatizado na graduação, tratado de forma vaga e independente, não possibilitando aos alunos uma visão integrada do assunto”, avalia a psicóloga. Além disso, explica Maria da Graça, a dor ainda tem sido abordada como queixa comum, presente em diversas doenças. “Pouco se discute sobre seus

mecanismos fisiológicos, os elementos que compõem a experiência dolorosa e os métodos de tratamento. Por conta disso, os profissionais iniciam a prática clínica sem consciência da importância e das consequências do despreparo para lidar com a dor, especialmente a crônica”.

No estudo, orientado pelo professor José Tadeu Tesseroli de Siqueira, Maria da Graça defende a adoção de práticas preventivas. “O sofrimento causado pela dor pode ser uma porta de entrada para muitos distúrbios físicos e psíquicos. Desta forma, deve ser evitada sempre que possível”, alerta.

Para chegar às conclusões, Maria da Graça se valeu de suas experiências no consultório onde atende pacientes com dor crônica, através de psicodiagnósticos e programas psico-educativos de enfrentamento do problema. “O tratamento moderno da dor crônica requer um esforço de trabalho multidisciplinar, que envolve clínicos de diversas áreas da saúde”, esclarece.

Estatísticas – Um fato que surpreendeu a pesquisadora foi constatar que 40% dos profissionais pesquisados alegaram não necessitar de mais estudos sobre a dor. “Muitos acreditam que já sabem lidar com a situação, mesmo adotando práticas excessivamente tecnicistas e pouco humanistas”, constata a psicóloga. Outra vertente do trabalho passou em revista as condições psicossociais dos entrevistados. O estresse está presente em 25% dos profissionais. Maria da Graça acredita que grande parte do quadro desse quadro esteja relacionada à própria natureza da profissão – que coloca os profissionais em contato constante com o sofrimento – e às condições de trabalho desfavoráveis, principalmente dos médicos.

No estudo, a psicóloga observou que os médicos trabalham, em média, 12 horas por dia, três horas a mais que os cirurgiões-dentistas. Acumulam também maior número de empregos, além de queixarem-se mais da remuneração. A maioria dos profissionais estu-



De acordo com levantamento, cerca de 10 milhões de pessoas padecem no país de algum tipo de dor orofacial crônica

dados possui pouca disponibilidade para um estilo de vida mais saudável. “Trata-se de uma população muito sacrificada pelo cansaço constante, causado por níveis elevados de tensão física e emocional. A maioria adota um estilo de vida sedentário”, alerta Maria da Graça.

Mais de 70% dos entrevistados declararam tomar medicação para dormir, enquanto mais de 80%

referem que sofrem de algum tipo de dor crônica. O consumo de bebida alcoólica foi outro hábito assumido por mais de 70% dos entrevistados. Por outro lado, Maria da Graça observou que eles são bastante dedicados ao trabalho e à carreira profissional, gostam do que fazem e, apesar das dificuldades, sentem-se realizados.

Neste sentido, o trabalho aponta para a necessidade de melhoria

na qualidade de vida dos profissionais, com a adoção de cuidados com a saúde física e psicológica. Os cursos de Odontologia e Medicina, conclui a psicóloga, devem ser aprimorados teórica e tecnicamente para tratar do assunto. “Mais do que um intenso período de treinamento profissional, precisa ser um processo humanizado, presente desde o início da graduação”, finaliza a pesquisadora.

Pesquisa investiga legado cultural de pescadores

O conhecimento ecológico armazenado e desenvolvido por uma comunidade local dá-se o nome de etnoecologia. Os pescadores, por exemplo, possuem técnicas e competências que são transmitidas de geração em geração. Neste sentido, a oceanógrafa Shirley Pacheco de Souza foi a campo investigar a extensão do conhecimento dos pescadores de São Sebastião, no litoral paulista, sobre as baleias e golfinhos. “O objetivo foi verificar o nível de informação dos pescadores em relação aos diferentes aspectos ecológicos e também comparar o conhecimento dos pescadores ao conhecimento científico, com foco nos cetáceos”, explica.

Segundo Shirley, os estudos sobre o conhecimento dos pescadores acerca da ecologia das baleias e golfinhos são pouco frequentes no Brasil e no mundo. Por isso, a dissertação de mestrado levanta diversas questões para reflexão sobre as influências urbanas recebi-

das por esses pescadores. “Eles possuem um olhar diferenciado sobre a fauna e a flora da região. Trabalham diariamente no mar e tiram suas próprias conclusões por meio da observação”, atesta.

Shirley, orientada pela pesquisadora Alpina Begossi, da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac), entrevistou 70 pescadores distribuídos ao longo das praias da região estudada. Ela percebeu que os cetáceos são classificados como peixes por mais de um terço dos entrevistados. “Isso reflete a persistência da transmissão cultural ao longo das gerações, o que contraria as informações atualizadas que eles recebem por meio da mídia ou do contato com pessoas que não compartilham da cultura caiçara”, observa.

Por outro lado, a oceanógrafa constatou uma influência da globalização sobre a cultura local que poderia interferir na transmissão do conhecimento às futuras gera-

ções. Outra parte dos pescadores classificou como mamíferos as baleias e golfinhos. Segundo ela, as espécies de cetáceos expostas pela mídia televisiva foram prontamente reconhecidas, classificadas e nomeadas adequadamente. E, ainda, as espécies mais reconhecidas não são aquelas mais abundantes no local e, sim, aquelas mais frequentemente capturadas em redes de pesca e as de maior tamanho corporal.

Em suas conclusões, Shirley aponta para a importância deste tipo de contribuição. Para ela, o conhecimento dos pescadores é valioso para a conservação das espécies. “Muitos cetáceos são tão pouco estudados que vale a pena considerar todas as informações sobre o assunto. A participação direta dos pescadores em projetos de pesquisa, além de contribuir com a conservação de recursos naturais, pode ter um papel importante na valorização da cultura local”, acredita. (R.C.S.)



Pescadores na cidade paulista de São Sebastião: estudo conduzido pela oceanógrafa Shirley Pacheco de Souza (destaque) investigou também as influências da globalização na cultura caiçara

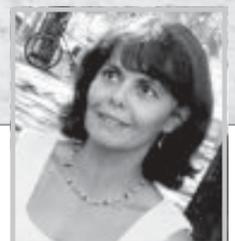


Foto: Divulgação/Érica Tavares